



O RESERVATORIO OU MÃE D'AGUA DAS AMOREIRAS.

O MONUMENTO de que mais se ufana Lisboa é sem questão o magnifico aqueducto das Aguas Livres. Os seus templos mais sumptuosos, os seus palacios mais esplendidos não podem certamente sustentar comparação com tantos outros que a piedade religiosa ou a vaidade dos homens erguem por essa Europa, e com que se adornam as suas primeiras capitães.

Porém o aqueducto das Aguas Livres pôde correr parellhas com tudo quanto a antiguidade e os tempos modernos têm construido de melhor n'este genero de edificação. Á magnitude da empreza corresponderam perfeitamente o arrojo da execução, e a solidez e elegancia das obras. El-rei D. João V, tomando a si tão nobre empenho, e o brigadeiro Manuel da Maia, vencendo tantas difficuldades para realisar os desejos do soberano, eternisaram seus nomes, não só por abastecerem de agua esta capital, quando a necessidade mais urgia, mas tambem porque a ornaram com um monumento, que occupa distincto logar entre os primeiros da Europa.

O pensamento de trazer ao seio de Lisboa o manancial chamado *As Aguas Livres*, data de tempos mais antigos. Dizem que o concebêra el-rei D. Manuel. Reinando porém o desditoso D. Sebastião encarregou a camara d'esta cidade ao architecto Nicolau de Frias de fazer as experiencias e medições necessarias na fonte das Aguas Livres para o fim designado. Isto mesmo se repetiu sob o governo e por ordem de Philippe II de Hespanha; mas de ambas as vezes ficou a empreza n'aquelles simples ensaios. A D. João V é que estava destinada essa gloria, porque na verdade o foi e não pequena a de metter hombros e levar a cabo uma obra á qual Lisboa deve em grande parte o engrandecimento a que tem chegado.

Principion-se em 1729, e vinte annos depois estava concluida menos o reservatorio, que apenas se

achava começado, quando falleceu o fundador. Foi feita esta obra por meio de tributos especiaes creados por decreto de 26 de setembro de 1729, e eram os seguintes: sessenta réis em cada alqueire de sal, dez réis em cada canada de azeite, e cincoenta réis em cada panno de palha, que se vendessem na cidade e seu termo. Depois lançou-se o real de agua e realete, que vem a ser quatro réis em cada uma canada de vinho. O tributo do sal e da palha foram extinctos em 13 de novembro de 1734, ficando subsistindo os outros.

Partindo da ribeira de Carenque, quasi a tres leguas da cidade, passa ora subterraneo, ora sobre arcos de cantaria, por entre a Porcalhota e Adamaia em direcção ao logar de Calhariz, d'onde segue até á ribeira de Alcantara.

É sobre esta profunda quebrada, que se eleva essa magestosa e ousada ponte-aqueducto vulgarmente chamada, *Arcos das Aguas Livres*, cujo comprimento é de 2:464 pés inglezes, com 27 arcos, contando o principal 315 palmos de altura e 150 de largura.

Entra o aqueducto na cidade pelo lado do noroeste, e a pequena distancia um elegante arco triumphal de ordem dorica (1) lhe dá passagem para o grande reservatorio situado junto da praça das Amoreiras.

O aqueducto interiormente é uma galeria de abobada de 14 palmos de altura e 7 de largura. Junto das paredes correm dous encanamentos de cantaria com palmo e meio de largura e palmo e quarto de altura. Um é bastante para dar passagem á corrente da agua; o outro serve para a receber quando aquelle precisa de limpeza. No centro da galeria ha um passeio lageado de 3 palmos de largura. Umas tor-

(1) Póde-se vêr a estampa d'este arco e a sua descripção a pag. 49 do 2.º vol. da 2.ª serie.

res quadrangulares collocadas de distancia em distancia introduzem n'esta galeria luz e ar.

Tem o aqueducto geral, como dissemos, quasi 3 leguas de comprimento; porém com os transversaes, feitos posteriormente para introduzir n'aquelle novas nascentes, póde-se andar quasi 7 leguas dentro d'aquella galeria.

O reservatorio que D. João V deixou apenas começado, e que progrediu lentamente nos tres reinados seguintes, foi concluido em 1834 por ordem de sua magestade imperial o duque de Bragança. É todo construido de cantaria, e de agradável apparencia, tendo exteriormente a fórma de uma torre quadrangulár, com um corpo saliente no centro da fachada principal. Ergue-se no meio de um pequeno terreiro plantado de arvores e flôres, e mais elevado do que o pavimento das duas ruas, que lhe correm pelos lados.

Do interior dá a estampa junta uma idéa tão exacta, que dispensa minuciosa descripção. O tanque tem 125 palmos de comprimento, 107 de largura e 37 de altura até ao cordão da moldura, que está ao nivel do passeio. Leva 10:728 pipas e 16 almudes de agua. Enche-se durante o inverno, em que as nascentes augmentam, e o consumo diminue, e vae supprindo no verão a agua, que muito escacêa por toda a cidade.

Cáe a agua no tanque precipitando-se de uma cascata, depois de ter saído pela bôca de um golphiño, que junto com a estatua de Neptuno, lhe fazem corôa. O passeio, que gira em torno do tanque, passa por baixo da cascata. Proximo d'esta desce uma escada ao fundo do tanque, e sobe outra quasi até á abobada, e continuando pelo grosso da parede communica com a galeria geral do aqueducto, e conduz ao terrado, que corôa todo o edificio. A perspectiva, que d'ahi se desfructa é das mais bellas e variadas, que offerecem as differentes alturas da cidade.

No envasamento da frontaria oriental d'este edificio ha uma porta, que dá serventia para a casa do registo, cujo pavimento é inferior ao do tanque. Ali se repartem as aguas para os diversos chafarizes, que se alimentam d'este reservatorio. Na parede sobre a casa do registo está collocada uma inscripção, que serve de commemorar a fundação d'este soberbo monumento por el-rei D. João V.

I. DE VILHENA BARBOZA.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

DO ANTIGO ESPLENDOR DA CASA DE BRAGANÇA.

AS FESTAS DO CASAMENTO DE D. THEODOSIO II.

I.

Diligencias mallogradas, enlace ajustado e fim politico das festas.

SEM poucas familias, se exceptuarmos as reinantes, terão gosado do poder e riquezas, que desfructou a casa de Bragança antes da sua exaltação ao throno. Em Portugal de certo que nenhuma outra houve a todos os respeitoos tão poderosa. Illustre por sua regia ascendencia e pelos nomes gloriosos dos dous heroes, que servem de tronco á sua arvore genealogica; ennobrecida ainda pelas allianças, que a aproximaram do throno: e finalmente enriquecida por

doações regias e dotes, que lhe trouxeram o senhorio de muitas villas e castellos, a obediencia de muitos mil vassallos, e avultadissimas rendas d'envolta com mil privilegios, a familia de Bragança vivia n'um fausto e ostentação, que, pelo menos, igualava, se é que não excedia, o tratamento de nossos reis.

Já este jornal, publicando varios trechos de uma descripção da viagem que fez de Elvas a Lisboa o cardeal Alexandrino, legado de Pio V (1), deu boa amostra da opulencia d'aquella casa. O quadro porém que vamos apresentar dará ainda maior idéa do antigo esplendor e poder dos duques de Bragança, assim como retrata os costumes da epocha a que diz respeito. Este quadro será o das nupcias do duque D. Theodosio II. Cremos que nunca Villa Viçosa viu festas tão brilhantes nem de tanto apparato. Ao interesse, que naturalmente devem suscitar a variedade e magnificencia dos festejos, que ali se fizeram por essa occasião, vem ainda juntar-se um interesse historico de bastante valia, quando se souber, que a sumptuosidade d'essas funcções teve por origem mais um fim politico de bastante alcance do que a simples satisfação de uma vaidade.

Frustrados todos os esforços com que a duqueza de Bragança D. Catharina sustentára os seus direitos á corôa portugueza durante esse curto reinado, que se póde chamar o periodo fatal dos ultimos paroxismos da gloria e independencia de Portugal; occupado todo o paiz pelos exercitos do duque d'Alva, que lhe extorquiram o juramento de fidelidade a Filippe II; começou entre o governo de Hespanha e a casa de Bragança uma lucta porfiosa, em que a politica de Castella empregava toda a arte em disfarçar-lhe os golpes, e adogar-lhe o veneno.

O paiz estava sujeito, é verdade; mas todo o amor de subditos, toda a esperanza de melhor futuro lá ia procurar o seu alvo a Villa Viçosa. A casa de Bragança levantava-se pois no meio de Portugal conquistado como uma poderosa rival da Hespanha, temivel pelos seus direitos á corôa, por essa affeição que o povo lhe consagrava, e finalmente pelas immensas riquezas e poder de que dispunha.

Atacal-a de frente era arriscado pelas consequencias, que qualquer violencia podia originar, além de que a dignidade e moderação com que a duqueza D. Catharina advogára os seus direitos, e a prudencia com que procedeu depois de os ver desattendidos, tiravam todo o pretexto para os actos de rigor.

Filippe II, a quem a historia conferiu, e não sem causa, o epitheto de prudente, depois que viu baldadas todas as suas diligencias para fundir n'um só interesse os seus pretendidos direitos e os legitimos de D. Catharina, resolveu promover por meios indirectos o successivo abatimento da casa de Bragança. São bem sabidos os differentes meios de que se serviu a côrte de Madrid na pratica d'esta politica. Um dos primeiros de que lançou mão foi estorvar que os membros d'aquella familia se ligassem por vinculos matrimoniaes a qualquer das casas soberanas da Europa, e ao mesmo tempo promover o seu enlace em familias vassallas de Castella.

Para disfarçar este empenho Filippe II, e depois Filippe III, propozeram a D. Catharina varias allianças reaes para seus filhos, e chegaram mesmo a abrir negociações, e a fingir diligencias, que secretamente mandavam contradizer.

Aquella princeza conheceu a fundo tão doble politica, mas longe de desanimar redobrou de esforços para alcançar ao menos para seu filho primogenito

(1) Vide no 5.º vol. — Archeologia Portugueza.

uma princeza de familia reinante. Era um negocio que considerava de alta monta para os interesses da sua casa. D'esta arte ia dar mais lustre ao nome de Bragança, que seus inimigos se esforçavam por escurecer; erguia mais um obstaculo diante d'aquella fatal politica; e preparava um futuro mais propicio á justiça da sua causa. Porém todos os passos dados n'este sentido foram completamente em vão. A mesma influencia, que obstou ao projectado enlace do duque D. Theodosio II com uma filha do archiduque Carlos, neta do imperador d'Allemanha Fernando I, fez tambem romper as negociações para o consorcio do duque com Maria de Médicis, que depois foi rainha de França.

Finalmente perdidas todas as esperanças, D. Catharina viu-se obrigada a acceitar para seu filho a noiva, que lhe destinou Philippe III de Hespanha. No 1.º de julho de 1602 assignou-se em Valladolid o contrato matrimonial do duque de Bragança D. Theodosio II com D. Anna de Velasco, filha de D. João de Velasco, duque de Frias e setimo condestavel de Castella.

Por esta occasião dizem que exclamára a duqueza D. Catharina: «Pois bem, não querem que meu filho case com uma princeza. Fazia-lhes isso muita sombra. Mas não hão de poder embarçar, que o seu casamento seja solemnizado como o de um soberano. Hão de fazer-se festas, que attrahirão a Villa Viçosa gente de todas as partes do reino; e mostrar-se-ha a quem vier todo o apparatus de uma cõrte real, e a hospitalidade de uma carinhosa mãe.»

As nupcias foram adiadas para d'ali a um anno, e este intervallo foi todo empregado em preparativos. Reformou-se completamente o palacio: a sua antiga frontaria transformou-se em uma bella fachada de marmore, ornada de pilastras de ordem doricca, jonica e corinthia. As salas e quartos foram adreçados de novo com a magnificencia, que ao diante se verá. Seremos minuciosos em algumas descripções, tanto porque isso convem ao fim, que nos propozemos de dar uma idéa o mais aproximada possivel da opulencia da casa de Bragança, e dos costumes d'aquella epocha, mas tambem porque d'este modo vamos pôr ao alcance de todos algumas noticias menos conhecidas, e que pôdem interessar a alguém.

II.

Partida do duque D. Theodosio II para a ponte do Caia; recepção da duqueza; apparatus do prestito; obsequios no transitio; celebração das nupcias; entrada triumphal em Villa Viçosa.

No DIA 15 de junho de 1603, pelas quatro horas da tarde, partiu de Villa Viçosa o duque D. Theodosio para a ponte do Caia, que divide Portugal de Hespanha, e que era o logar aprazado para se encontrar com a sua desposada.

O duque, acompanhado de seus irmãos D. Duarte, D. Alexandre, arcebispo de Evora, e D. Philippe, e de seu tio D. Constantino de Bragança, entrou em um coche tirado por seis cavallos russos hespanhoes. Seguiam-o varios outros coches com officiaes e criados de sua casa, a sua guarda de alabardeiros, e grande numero de criados, uns montados, outros levando bellos cavallos á mão soberbamente ajaezados. N'essa noute foi dormir ao seu palacio de Villa Boim, tres leguas distante de Villa Viçosa e uma de Elvas.

No dia seguinte partiram D. Duarte e D. Philippe para Badajoz a cumprimentar, da parte do duque, a nova duqueza de Bragança, que ali chegara no

dia 15. A 17 chegou D. Theodosio á ponte do Caia com toda a sua comitiva, que constava de mais de dous mil homens a cavallo.

O duque tinha largado o coche e montado em um magnifico cavallo, com sella de veludo roxo bordada de ouro e prata, e os mais jaezes iguaes. Ia vestido de gorgorão roxo bordado de ouro e prata. Seus irmãos e tio acompanhavam-o tambem a cavallo. Meia hora depois avistou-se a comitiva da noiva; e logo o duque, seguido tão sómente do seu veador e do que nomeara para sua esposa, passou a ponte e foi-lhe saír ao encontro.

Vinha a duqueza em uma rica liteira. Trajava vestido de setim azul e ouro, saia e uma especie de gabão ou capa com mangas curtas, a que chamavam ferragoulo, tudo guarnecido a seis galões de ouro e prata abertos; e toucada com fitas de prata e azul. Trazia em sua companhia D. Luiza de Velasco, senhora viuva e sua parenta, o conde de Haro, seu irmão, D. Pedro Girão, inquisidor de Toledo, D. Blasco de Aragão, D. Philippe de Navarra, e outros fidalgos e auctoridades de Badajoz.

Acabados os cumprimentos do estylo pôz-se em marcha o prestito para a ponte do Caia, onde os esperava o estado da casa de Bragança, e immensa multidão de povo. Aqui passou a duqueza para o coche, que lhe estava destinado, o qual era forrado de veludo carmezim, todo guarnecido de galões de ouro, e tirado por seis cavallos russos. Os cocheiros levavam libré carmezim agaloada de ouro, e chapéu igual. Adiante do coche ia uma liteira tambem de veludo carmezim com guarnição de galões de ouro, envidraçada, e na frente d'esta caminhavam duas facas, uma com silhão de veludo carmezim bordado de ouro, e outra toda ajaezada de veludo preto com chaparia de prata dourada. A primeira era para a duqueza, e a segunda para D. Luiza de Velasco. Os liteireiros vestiam roupetas, e calções de veludo carmezim agaloados de ouro, e chapéus do mesmo veludo e ouro com plumas de côres.

Marchavam em ordem vinte e cinco coches, tres liteiras, vinte e quatro magnificos cavallos ricamente ajaezados, cobertos com telizes de veludo verde bordados, e conduzidos á mão por moços da estribeira, fardados de panno verde com galões verdes, meias verdes, çapatos pretos, murectas de feltro branco com colleirinhos de veludo roxo; um chocarreiro ou bôbo, vestido de calções de veludo roxo variado com os golpes guarnecidos de galões de côres, entreforros de setim amarello, meias de seda amarella, capa de panno chamado de *rara*, e gorra de veludo; sete moços fidalgos, trajando calças de lavoires com os brancos de veludo roxo variado, e guarnição de morenillos de prata sobre pestanas de setim roxo picadas, e com entreforros de téla de prata, meias de seda branca, çapatos de veludo branco golpeados, guarnecidos de morenillos de prata, jubões de téla de prata, couras de golpes, com os lavoires conforme aos das calças, cintos de veludo negro guarnecidos de morenillos de ouro com ferros dourados, bohémios de setim preto com guarnição pôr fóra de faxas e morenillos forrados de téla branca, gorras de veludo preto, e tranças guarnecidas de ouro com plumas de côres.

Seguiam-se: dez moços da camara da guarda-roupa com roupetas de setim impressado, com faxas de veludo e pestanas de setim pela borda com morenillos, mangas de setim roxo, cintos de veludo com ferros dourados, capas de raxa de Florença, forradas de setim impressado, sapatos de veludo golpeados, gorra de veludo preto com tranças bordadas e plumas brancas, roxas e amarellas com suas garchotas, e espadas douradas guarnecidas de veludo: o

guarda-roupa e moço das chaves, vestidos de preto, meias de soda, sapatos de veludo roxo, jubões de setim, roupetas de veludo guarnecido, capas de raxa também guarnecidas, gorras de veludo com touquilhas e plumas, e espadas douradas; vinte e quatro moços da camara, trajando calças de lã com galões roxos e brancos sobre pestanas de setim amarello, meias de seda da mesma côr, sapatos de veludo amarello perfilados, mangas de setim da mesma côr, cobertas de morenillos de retroz roxo e branco, roupetas de veludo preto, guarnecidas de galões negros a farpão, cintos de veludo preto com ferros dourados, capas de raxa forradas de setim imprensado, gorras de veludo negro com tranças bordadas, e plumas brancas, roxas e amarellas. O porteiro da camara do duque, e o da duqueza vestiam calças de veludo preto com entreforros de setim, meias de seda e sapatos d'esta côr, roupetas de veludo lavrado, golas de veludo preto com touquilhas de véu, e capas de raxa.

(Continúa.)

I. DE VILHENA BARBOZA.

APONTAMENTOS DE VIAGEM.

UMA HISTORIA NO BUSSACO.

XIII.

LUIZA fê-lo erguer, obrigou-o a sentar-se ao pé d'ella; depois lançou-lhe ambos os braços á roda do pescoço, e imprimiu-lhe na fronte os labios ardentes.

— «Luiza,» disse o mancebo, que foi o primeiro a romper o silencio; «quero uma lembrança tua; seja o que fôr, que te pertença, que eu traga sempre no meu peito, sobre o meu coração; um annel dos teus cabellos.»

— «Aqui está,» disse ella, desprendendo os braços do colo do seu amante, e tirando do seio uma medalha. «Aqui está; mas não, espera, este é o retracto...»

— «O teu retracto?»

— «Sim.»

— «O teu retracto, Luiza? Como foi... foste tu que...»

— «Fui eu, sim, que o tirei a mim mesma. Este conhece-o?»

— «É o meu, tal qual; nenhum retractista o tirava melhor... Luiza, filha da minha alma,» exclamou o mancebo, apertando-a contra o peito, e beijando-a com apaixonada effusão.

— «Agora, Paulo, aqui tens o meu cabello; has de trazê-lo sempre contigo, sobre o teu coração, como disste? promettes-m'o? juras-m'o, sim?»

— «Sim, prometto, juro.»

A luz pallida da lua illuminava suavemente aquelle grupo. Ella, com os cabellos soltos, vestida de branco, parecia o anjo enviado á terra pelo Senhor, para acompanhar o mancebo na trabalhosa peregrinação da vida.

O som pausado e lento do sino da ermida dando horas fê-os estremecer a ambos.

Contaram uma, duas, três: tres da madrugada! Chegava o momento fatal de se separarem.

— «Tres horas; é tarde,» disse o mancebo, com voz que forcejava por ser firme e vibrante; mas que lhe saía fraca e afogada do peito.

— «São horas, não podemos estar aqui nem mais um instante. Dá-me um abraço. Adeus, Luiza, até

um dia; toma animo, filha, e escreve-me sempre, e muito!»

Ella caíu nos braços do amante; as lagrimas estancaram-se-lhe nos olhos; o peito parecia que se lhe desconjuntava com o soluçar convulso; os labios procuravam debalde a fatal palavra, o adeus terrível, e apenas articularam um gemido d'estes que partem direitos do coração.

Paulo desprendeu-se-lhe de repente dos braços, e desapareceu.

Então a pobre donzella caíu desalentada e meia morta sobre um dos bancos do jardim.

XIV.

A's 5 horas da manhã, vinha a alvorecer, Luiza e sua mãe metteram-se em uma caleça, e tomaram a estrada de Santarem.

D. Affonso de Menezes devia partir mais tarde.

Paulo, a cavallo, esperava na margem esquerda do rio, ao pé d'aquelle assude, que fica junto das pontes, que passassem Luiza e sua mãe.

Que alvorecer de madrugada aquelle!

Oh! que se as dores moraes matassem instantanea, repentinamente, o mancebo cairia fulminado ali, quando a viu a ella mais pallida do que os lyrios que desabrocham ao romper da aurora por aquellas devezas, mais abatida do que as rosas que o vendaval açouta, mais bella, mais adoravel na sua dor do que as virgens sacrificadas ao altar, dizer-lhe o ultimo adeus, acenar-lhe ainda de longe com o lenço branco, e cair depois desfallecida nos braços de sua mãe.

XV.

Passaram-se dous mezes; no fim d'elles Paulo recebeu uma carta de Luiza.

O mesmo amor, as mesmas saudades pungentes, os mesmos juramentos, que lhe havia tantas vezes protestado, lhe renovava ella n'essa carta.

Depois correu um anno quasi, sem que Paulo tornasse a ter noticias d'ella.

A anciedade, o frenéz delirante com que as esperava, o desespero de as não receber, em fim todos estes sentimentos, suppõe tu quão fortes os não experimentaria o infeliz Paulo.

Passado um anno, exactamente no dia em que tinha recebido a primeira e ultima carta de Luiza, adoeceu a mãe de Paulo.

Fôra atacada de uma febre violentissima, que ao cabo de tres dias malignou.

Os medicos declararam não haver esperança alguma.

Com o coração transpassado de angustia, a alma cheia de anciedade, o mancebo velou junto do leito de sua mãe.

Nos momentos em que o delirio cessava ella pretendia com palavras de maternal affecto suavisar as dores que atribulavam o coração do filho.

Horas antes de morrer disse:

— «Eu sinto que vou morrer; e por Deus, que me ouve n'esta hora extrema, te juro, filho, que não levo outra saudade senão a de te deixar... Ouve, espera; eu tenho vivido muito, demais... tenho soffrido muito na terra; assim o Senhor se amerceie de mim, e m'o leve em conta, agora que vou comparecer na sua divina presença. Não chores, Paulo, não chores; e por esta cruz jura-me que não has de attentar contra a tua vida, e que... jura-m'o, jura-m'o, has de banir para sempre da idéa os sentimentos de vingança que o teu coração alimentava?»

— «Juro,» disse o mancebo com voz solenne e pausada.

— «Ainda bem, filho da minb'alma; posso agora morrer; era isto o que me amargurava n'este momento supremo: nada mais; que eu sou uma grande peccadora, ainda mal! mas creio e sinto até onde chega a infinita misericordia de Deus.»

Depois aquella physionomia decomposta pelos padecimentos physicos, animou-se subitamente; sem esforço ergueu meio corpo na cama, lançou um dos braços ao pescoço do filho, com a outra mão apertou ao peito a imagem do crucificado, e fez jurar ao mancebo o que lhe havia promettido, com as mãos sobre a cruz.

Em seguida deixou-se cair sobre o travesseiro, respirou mais alto, articulou algumas palavras, que Paulo mal pôde perceber; ... eram o adeus suspiroso d'aquella tão longa despedida. Depois um como soluço cortado, duas lagrimas humedecendo-lhe as pupilas, e nada mais!

Paulo ficára tambem orfão de mãe!

(Continúa.)

R. A. DE BULHÃO PATO.



MONUMENTO DE ALBUERA.

ESTE curioso padrão das glorias peninsulares foi mandado erigir, na aldéa de Albuera, a doze milhas de Badajoz, pelo governo hespanhol, em testemunho da bravura dos generaes, cujos nomes n'elle se lêem.

O local foi bem escolhido; porque de feito ali se pelejou uma das mais rijas batalhas que se deram em toda a campanha peninsular.

Lord Hardinge, hoje commandante em chefe do exercito inglez, teve n'essa batalha occasião de manifestar a sua superior intelligencia militar, aconselhando e dirigindo um movimento, que muito contribuiu para a brilhante victoria que se obteve.

A gravura representa o monumento de Albuera com toda a fidelidade; e por isso nos não demoraremos a descrevê-lo. Na parte superior d'elle, e cercada de uma corôa de louro, lê-se a palavra ALBUERA, em seguida a inscripção: *A los valientes del 16 de maio de 1811.*

Nos pedestaes das columnas, que decoram o monumento, lêem-se os nomes dos officiaes que commandaram n'aquella renhida acção, em que tambem as valorosas tropas portuguezas alcançaram não pequeno quinhão de gloria.

Generaes hespanhoes: — Castaños, Lardazabel, Zupa, Penae, Blake, Ballesteros, España.

Generaes anglo-portuguezes: — Beresford, Lumley, Cole, Stewart, Alten, Hamilton.

Na base, e por baixo da abertura do arco, vê-se a legenda: — *Mandó en chefe Beresford.*

O SIGILLO DA CONFISSÃO.

ERA Wenceslau IV, rei de Bohemia, casado com a princeza Joanna, mulher de raro merecimento. Esta virtuosa rainha havia escolhido para seu esmoler e confessor a João, santo sacerdote, natural de Nepomuck, e conego da igreja metropolitana de Praga. Não deslumbrou esta importante dignidade a quem foi obrigado a acceital-a; pelo contrario serviu de inspirar-lhe sentimento de ainda maior humildade. Juntava João ás luzes de um zêlo illustrado, grande prudencia, e dedicacão illimitada á causa da religião, que defendia ainda mais pelas proprias virtudes, que pelos admiraveis discursos que tantas vezes pronunciava perante auditorio immenso. Grangearam-lhe alta reputacão estudos profundos baseados no lustre d'uma vida sem nota; era o oraculo de toda a cidade, o amigo dos desvalidos, o pae dos infelizes, o protector das viuvras e dos orphãos, o açoute do vicio, finalmente o conselheiro dos ricos e o sustentaculo da virtude. A multidão de seus encargos jámais lhe prohibiu, que se desse todos os dias á meditacão. Em visitar os enfermos, em dirigir consciencias se lhe iam todos os momentos; todavia repartia-se para tudo e com todos. Sendo chamado a prégar na presenca d'el-rei, teve o valor de annunciar as verdades da religião com aquella santa liberdade, que outr'ora havia empregado S. João Bãptista perante Herodes; é que elle tinha as mesmas virtudes que o precursor do Messias; ai, que o aguardava tambem igual fim!

Joanna tinha depositado toda a sua confianca no seu director, e cousa alguma de importancia apprehendia ella, que o não consultasse. Pelo contrario Wenceslau, cioso e desconfiado, (1) fez muitas vezes

(1) Contavam-se d'elle numerosas crueldades; e dizia-se que tendo achado traçadas n'uma parede estas palavras, *Wenceslaus alter Nero*, lhe escrevêra por baixo: *Si non fui adhuc, ero.* É certo que saía sempre com o carrasco, a quem chamava seu compadre, entregando-lhe quem quer que lhe desagradava no caminho.

Depois de ter descontentado o povo, achou inimigos na sua familia (1389.) Tanto seu irmão Sigismundo, eleitor de Brandeburgo, e rei de Hungria, co-

passar por cruéis provações a virtude de sua esposa, e pagava-lhe a ternura com procedimentos indignos d'um príncipe christão. Notava comtudo profunda estima a João, e lhe offereceu honras e dignidades, que este recusou com firmeza. Toda a cidade admirava o singular desinteresse do piedoso conego, e continuava a prestar-lhe grande amor e veneração.

Havia tempo que se notava que Wenceslau se ía tornando cada vez mais sombrio, e que proferia contra sua esposa palavras ameaçadoras. Recorreu Joana ás suas armas ordinarias para aplacar a cholera do rei: fazia particular estudo por evitar tudo o que pudesse offendel-o, ou provocar-lhe o menor descontentamento. Foram porém baldados todos os seus esforços contra o character violento e impetuoso do monarcha; suas virtudes pareciam irritar o príncipe; ella receava algum escandalo, e portanto se preparava com resignação para os soffrimentos.

Um dia que acabava de se confessar, Wenceslau a reprehende com vehemencia, e manda-a sair da sua presença. Depois chamando João, lhe diz: «Quero que me reveleis já a confissão da rainha.»

O homem de Deus lhe responde tranquillo, que o que elle exigia era um impossivel; que o sigillo da confissão jamais podia ser violado, e que todos os conhecimentos adquiridos por este meio, eram como se não existissem.

— «Nada tendes que temer de mim; nunca divulgarei o que me communicardes; por isso, fallae sem constrangimento.»

— «Oh, nunca poderei obedecer-vos; porque não posso trahir o meu dever.»

— «Essa recusa me afflige. Então a minha liberalidade me affiançará a vossa condescendencia. Fallae: que desejaes? Podeis dispor de tudo o que ambicionardes; mas, repeti-me a confissão de minha mulher.»

— «Penalisam-me em extremo as propostas que me fazeis, meu príncipe, e rogo-vos que não insistaes por mais tempo n'um ponto que hei de recusar-vos até o derradeiro alento de vida. Se tendes, senhor, outra cousa que ordenar ao vosso servo, em prol de vossa real pessoa, ou de vossos vassallos, feliz se considera elle em obedecer-vos, com tanto que lhe não comprometta a consciencia.»

— «Escarneceis de mim, infame sacerdote! Saberei obter por força o que recusas ás instancias e ás promessas. Essa obstinação em me occultardes o que quero saber, vencel-a-hão os tormentos. A morte punirá tanta insolencia.»

— «Prefiro padecer mil mortes a trahir os segredos que me foram confiados. A morte, exacerbada com o horror dos supplicios, não me arrancará nunca uma unica palavra da confissão de vossa esposa.»

— «Excede em ousadia! Não devo tolerar por

mais tempo um semelhante desprezo da minha vontade.»

A estas palavras o rei sáe precipitadamente, e manda encarcerar o santo confessor. No mesmo instante é João conduzido pelos soldados a uma lugubre masmorra.

Logo que se soube na cidade o barbaro procedimento do rei, levantou-se contra elle um clamor geral. O povo, que conhecia a virtude do bom padre, e que sabia que era victima do cumprimento dos seus deveres, ameaçava ir tirar da prizão o santo. Wenceslau, temendo as ameaças soltou o servo de Deus, sem comtudo renunciar á esperanza de penetrar os segredos da confissão de sua esposa.

João, a quem os rigores do carcere não haviam intimidado, proseguiu em seus uteis trabalhos, e continuou a consolar os desditosos. Mas como se tivesse o presentimento dos males que ainda o esperavam, ou sendo, como affirmam seus historiographos, realmente avisado pelo céu da sorte que lhe estava reservada, pôz em ordem todos os seus negocios, como um homem que devia morrer dentro em pouco. A rainha, pela sua parte, não esqueceu cousa alguma que pudesse abrandar a raiva de seu marido, ou chamal-o a sentimentos mais christãos.

Afim de desarmar o monarcha cioso, esta virtuosa princeza submetteu-se a jejuns, e praticou grandes mortificações e penitencias; foi tudo em vão: a paixão recrescia no desventurado Wenceslau, e cegou-o a ponto de lhe apagar até a propria reflexão. Imaginou-se covardemente offendido pelo veneravel confessor, e jurou perdê-lo.

Antes de tocar n'este excesso, enviou-lhe diferentes emissarios, para vêr se o movia. Oppoz-lhe o santo sempre a mesma constancia, persistindo em dizer que a religião lhe vedava revelar os segredos da confissão. De novo rejeitou as offertas que se lhe faziam, e manifestou valoroso desprezo aos tratos com que pretendiam atterral-o.

Entretanto apprehendeu João uma pequena peregrinação a Boleslaw, onde os fieis veneravam havia muitos seculos uma santa imagem da Virgem Maria. Ali, prostrado aos pés da Rainha dos Anjos, implorou fervorosamente o seu auxilio, e reanimado prometeu ao Entê Supremo permanecer até ao fim fiel aos seus deveres. Depois voltou para Praga, recitando pelo caminho férvidas orações. Succedeu-lhe passar por diante do paço, e el-rei, que estava a uma janella, viu o santo, e o insultou asperamente. O servo de Deus amostrou serenidade, e com brandura respondeu aos vituperios do soberano. Então o rei fóra de si o manda prender e encerrar em hediondo calabouço, até cair a noute.

Apenas escureceu, foi João arrancado d'aquella prizão, e conduzido ás margens do Moldav, onde o rei lhe mandou perguntar, pela ultima vez, se estava finalmente decidido a revelar-lhe a confissão da rainha. A resposta do santo foi inalteravel.

Ataram-lhe os pés e mãos, em quanto encomendava a alma ao creador, e arrojaram-no ao rio.

O rei, para gozar do seu triumpho, comprou aos seus cumplices o silencio d'este crime; porém o céu tomou conta no seu servo. No dia seguinte uns pescadores acharam o corpo do santo no fundo do rio, no proprio lugar onde fóra commettido o crime, e levaram-no para uma igreja proxima.

A noticia d'esta morte violenta cobriu de luto toda a cidade. Cada qual chorava n'elle a perda de um pae, de um amigo, de um bemfeitor.

Os conegos da metropole, menosprezando o furor do rei, fizeram magnificas exequias ao seu confrade, e sepultaram-no no proprio templo onde o zêlo d'a-

mo seu primo Josse, margrave da Moravia, concluíram com Alberto III d'Austria, e Guilherme I de Misnia uma alliança que parece ter tido por consequencia a conjuração em virtude da qual foi Wenceslau prezo e encerrado no castello de Praga, onde foi obrigado a declarar Josse seu vigario na Bohemia. Os estados o libertaram (1396); mas quatro electores o declararam decaído do imperio como negligente e inutil, substituindo-lhe Roberto, elector palatino. Por morte de Roberto, se dividiram os suffragios entre Sigismundo e Josse, independentemente de Wenceslau; porém este abdicou, Josse morreu, e Sigismundo ficou chefe do imperio.

quelle santo homem tinha antigamente obtido tantos prodigios de conversão.

Em breve esse tumulo se torna celebre por assombrosos milagres que attestam a influencia que o justo havia no céu. Teve logar o martyrio do santo a 16 de maio.

Desde esta epocha augmentou a confiança dos fieis, e posto que a Igreja não tivesse ainda pronunciado, por toda a Bohemia se invocava este martyr da confissão.

Tinham decorrido mais de trescentos annos, quando a Santa Sé, a instancias dos bispos d'aquella região, e querendo annuir aos pios desejos dos christãos, fez examinar o processo do veneravel João. Foi aberta a milagrosa sepultura a 14 de abril de 1719; acharam o corpo mirrado; mas a lingua estava tão fresca e tão bem conservada, como se o santo sacerdote acabasse de expirar. Esta lingua, preciosamente encaixilhada, está guardada com muito respeito na metropole de Praga. O papa Benedicto XIII, depois de maduro exame, canonisou solemnemente João Nepomuceno a 19 de março de 1729.

LUIZ FILIPPE LEITE.

ESBOCETOS DA VIDA MILITAR.

PERCORRENDO todo o circulo da historia do genero humano desde a infancia dos seculos até ao mundo moderno, emporio da mais avultada civilisação, e do grande movimento industrial e moral; é forçoso contar com a guerra como um elemento indispensavel, que entra nas instituições de qualquer povo: certamente semelhante estado é um facto segundo a natureza, ou conforme com a constituição natural do homem.

Os tempos modernos presagiam situações delicadas em que os militares serão talvez destinados para o desenlace do grande drama: antevemos, olhando á tendencia do século, graves contestações e crises arriscadas; e então é mister, que afluam homens, cheios de amor e de equidade, que, sendo chamados a esse litigio com as armas na mão, saibam moderar o vencedor, e proteger o vencido; tornar livres uns, sem fazer escravos outros. É para uma tal situação, que nós desejamos espiritos esforçados, dignos dos bellos tempos da cavallaria, que tenham por divisa a nobre dedicação, a cortezia, a humanidade, e a protecção especial para com os fracos; que sejam animados de um santo amor patrio, e cheios de caridade para com o proprio inimigo e oppressor.

É em tal estado, que assás se manifesta a necessidade de seguir com reflexiva attenção a marcha progressiva do espirito humano, tornando a força menos material e mais scientifica; e estudando o sentir da sociedade actual, que já não tem a olhar a instituição dos exercitos como um effeito continuado da primeira feudalidade, ou como funesta tradição do paganismo, que pudesse ainda inspirar serios receios, ou temerosos resultados, quaes os que acompanhavam as correrias das antigas hordas devastadoras, ou essas luctas pórrias, comprehendidas sem motivo algum, que as justificasse; mas como uma alliança legitima com a moral, com a sã politica, com a industria, e com a liberdade dos povos.

O fim que levamos em vista n'este nosso trabalho, é descrever o character militar debaixo das diversas relações, em que está com a sociedade: as virtudes respectivas a cada uma d'essas circumstancias, ou estados, e as principaes especialidades da vida mi-

litar, servirão de baze a uma serie de quadros, em que apresentaremos, debaixo de um golpe de vista rapido, todas as nobres qualidades que devem adornar o cidadão, que fôr votado á profissão das armas. Uma sã e verdadeira philosophia dirigirá os nossos traços; os seus vestigios deixaram vêr bem a nossa franqueza, desafogada de todos os preconceitos; o typo que nos servirá constantemente para o desenho dos caracteres, será, não o homem de guerra, mas o militar philosopho.

I.

Disciplina — Obediencia.

Todo o militar deve ser um cidadão votado a guarda expressa da ordem, da justiça, das leis, das instituições e da liberdade: cumpre-lhe por isso respeitar religiosamente todos os elementos constitutivos da sociedade. A disciplina modelada por estes principios, ou assente sobre estas bazes, concorre indubitavelmente para a unidade da acção, para a centralisação das forças, e para a harmonia das vontades: a primeira condição, e o primeiro effeito da disciplina é a obediencia: olhadas por tanto estas em maior escala, devem ter por guia, por medida e por limite a legislação escripta, ou tradicional do paiz. Uma disciplina, que ordenasse aquillo, que a constituição prohibe, que prescrevesse a violação das leis vigentes, mereceria ser immediatamente refreada como illicita. A obediencia não póde, nem deve ir mais longe; porque na verdade iria contra o seu fim.

É certo que todas as leis e instituições positivas serão tanto melhores, quanto mais se amoldarem por essa auctoridade, que sobrepuja a todas — a razão — auctoridade, que mais se robustece com os progressos da intelligencia e dos sentimentos: este elemento progressivo bem se revela nas sympathias nacionaes, no movimento vital das gerações, á medida que estas vão surgindo sobre a queda e derrocamento das anteriores: este elemento toma corpo em vista de novas necessidades e arreiga-se nos votos, nos desejos, nos protestos e pretensões da multidão, e dos chefes, que ella acclama. Nenhuma geração tem direito de legislar, ou estabelecer cousa alguma em nome das gerações futuras: o passado e o presente não pódem immobilisar o futuro; aquillo que uma geração fez, póde a seguinte desfazer, para se conformar com a ordem dos tempos, e com as regras da moral universal, e realizar para a humanidade ainda um bem maior. É por esta causa, que o dogma da *representação continua, e da interpretação permanente dos povos*, é igualmente bom e justo: d'esta theoria deduzimos a seguinte conclusão, quanto á natureza e limites da obediencia passiva e da disciplina, que se os preceitos de eterna moral, e de reciproca fraternidade são absolutamente obrigatorios; se a razão tem a força de lei; se cada um deve submeter-se ás exigencias do bem geral, e soffrer que a sua liberdade seja limitada por aquella de todos; é certo que a independencia absoluta não póde ser a partilha de algum individuo, qualquer que elle seja: pelo que a *obediencia deve ser limitada*; é um principio que temos a consagrar, julgando que deve ser posto á testa, ou como ponto de partida, de todo o codigo disciplinar: queremos sim que a obediencia seja prompta e cheia de zelo; porém formulada como um principio pratico.

É geralmente sabido, que a força armada de uma nação póde ser organizada por diversas maneiras; a sua constituição depende de muitas causas acciden-

taes: entretanto qualquer que seja a sua fórma ou organisação, não pôde prescindir, como todas as outras funcções ou ramos sociaes de certa ordem, de jerarchia e de disciplina; porque sem ordem não ha unidade de acção, nem poder, nem espirito providente: em todas as posições em que houver um fim a preencher, constituem rigorosa necessidade a divisão de trabalho, o concurso de esforços, a harmonia das vontades, e a subordinação das individualidades, em uma palavra, a *obediencia mutua*. A necessidade da obediencia é fundada sobre a natureza das cousas; e applica-se mais ou menos a todas as espheras da actividade social: na esphera administrativa e judiciaria, e na esphera religiosa são igualmente indispensaveis a jerarchia e a obediencia; sendo tão salutareos os effeitos da boa disciplina, quanto funestos os resultados da desobediencia. Em summa reconhecemos a obediencia como a melhor e a unica escola, em que se pôdem aprender os deveres do commando: certamente é necessario saber obedecer para saber mandar.

Non sa ben comandare chi
Non seppe obbedire.

(DENINA.)

J. C. DA SILVA,

Lente do Collegio Militar.

ENSAIO DE UMA DISSERTAÇÃO HISTORICO-CRITICA
SOBRE OS FACTOS MAIS CONTROVERSOS DA HISTORIA
DO CONDE D. HENRIQUE, PRIMEIRO SOBERANO DE
PORTUGAL, E TRONCO DA AUGUSTÍSSIMA CASA REI-
NANTE.

PRIMEIRO PONTO.

De quem era filho?

XIX.

ENTÃO de quem é descendente o nosso conde D. Henrique, me perguntarão com certa impaciencia os meus leitores? Já tenho respondido, que dos soberanos da Hungria. Mas de que modo, e qual a sua ascendencia paterna? Confesso, que não me atrevo a decidir; porém não tenho por ora, nem com que me desvança inteiramente da origem borgonheza, nem com que tenha por demonstrada a origem veneziana. Fazem-me grande pezo os auctores coevos, a saber, Hermano Contrato e Wippo; mas o texto da chronica do primeiro tem soffrido taes interpolações e alterações que só por elle não me julgo em termos para affirmar, que o citei exactamente; e posto que o segundo, até pela sua naturalidade, possa e deva pezar mais na balança, fico todavia perplexo ao ver, que João Pistorio o não seguiu, quando era o proprio editor da sua chronica; e por outra parte no historiador classico dos venezianos e suas cousas não achei sufficiente clareza para me decidir por uma vez.

XX.

Mas que faremos (podem continuar os meus leitores) aos dous argumentos fortissimos, que vem a ser: 1.º que o rei D. Pedro não teve descendencia dos seus dous matrimonios; 2.º que os nossos historiadores seguiram o chronista Duarte Galvão, e quando muito a Fernão Lopes, que não haverá testemunho anterior aos dias d'este chronista, que nos

prove tal ascendencia? Em quanto ao primeiro responderei, com os auctores allemães e hungaros, *de prole nihil constat*, (1) o que não é affirmar, que de certo não a houve; e pela narração de Hermano Contrato, que depois de nos contar, o que elle qualifica de perfidia dos hungaros contra D. Pedro seu rei, acrescenta que depois de serem mortos os que foram leaes. . . *variis cum conjuge sua alendum deportant*, ao que na edição, que eu pude consultar, se ajuntou á margem uma variante mais difficil de entender, e pareceu-me que *filios cum conjuge sua alendos deportant* poderia ser a verdadeira lição; e quando na Hungria não ficassem vestigios de que o rei Pedro tivera filhos do segundo matrimonio, creio que não seria esta a primeira vez em que a memoria de pessoas, que tivessem deixado na infancia o paiz da sua naturalidade, fosse absolutamente desconhecida n'este, e mui vulgar no outro, ou na sua patria adoptiva. Em quanto ao segundo; se os nossos historiadores tivessem lido o testamento do arcebispo e heroe portuguez D. Lourenço Vicente, que se guarda no archivo da Sé de Braga, teriam sido mais comedidos em censurar os chronistas Lopes e Galvão, e não teriam desdenhado do epitaphio, que o arcebispo D. Diogo de Sousa mandou pôr no jazigo do conde; pois muitos annos antes de 1512, isto é, em 1397, ao mais tardar, escrevia o louvado arcebispo esta verba em seu testamento: "Mando sepultar e soterrar meu corpo na capella minha, que ordenei de consentimento do cabido da dita igreja cathedral de Braga, junto com as paredes da dita igreja, e abi onde jaz enterrada a rainha D. Thereza e o conde D. Henrique seu marido, filho que foi d'el-rei de Hungria."

Quem defendeu com a espada em os memoraveis campos de Aljubarrota o senhor D. João I era versado nas sciencias e letras humanas, e frequentou os lyceus de Tolosa, Montpellier e París, era assaz digno de sustentar com exactidão e devido conhecimento de causa a verdadeira linhagem dos nossos reis; e a sua penna é para mim não menos valiosa na presente questão historica, do que o foi a sua espada nas questões politicas e lides guerreiras.

(Continúa.)

— Reconciliâmo-nos com um inimigo que nos é inferior pelas qualidades do coração ou do espirito; não perdoâmos nunca áquelle que nos sobrepuja no ânimo e no genio.

CHATEAUBRIAND.

No seguinte numero começa a promettida publicação do bello romance do sr. Antonio de Oliveira Marreca: O CONDE SOBERANO DE CASTELLA, FERNÃO GONÇALVES. A alta reputação litteraria do auctor, que é, como todos sabem, um dos nossos mais profundos pensadores, bastava para o elogio da obra, quando o não importasse o applauso que mereceram os primeiros capitulos, publicados tambem n'este semanario (8.º vol.) e a ancia com que todos geralmente desejavam vêr a conclusão de um tão primoroso trabalho.

(1) Francisci Barkoczi, Hungaria cum suis regibus etc. Tyrnaviae. 1729. pag. 217.